

Contemplação como ferramenta de profanação: recuperando uma teologia da Criação

Alexandre Medeiros¹

Resumo: Este artigo nasce da indignação ante um cristianismo “de regras e normas”, buscando uma tentativa de “profanação”. Será importante para nossa análise usarmos Giorgio Agamben, polêmico filósofo da atualidade, que se dedica a “profanar o sagrado, ou melhor” a “devolver à comunidade humana aquilo que historicamente foi subtraído ao uso comum através da sacralização”. Seguindo este caminho, visitarei o conceito de participação de Tomás de Aquino, explorado pelos autores Josef Pieper e Jean Lauand, ambos intérpretes de Aquino. Explorarei conjuntamente o conceito de admiração de Josef Pieper, buscando os abalos admirativos que nos espantam. Na teologia de Rubem Alves e na poesia de Adélia Prado, buscarei uma tradução deste abalo admirativo em uma mística. Mística advinda da contemplação, que devolve a alegria, o divertimento, a beleza e o riso, que foram sacrificados e consagrados no altar da “santidade”.

Palavras Chave: consagração. profanação. contemplação. admiração. alegria.

Abstract: This article is against a Christianity “of rules and regulations”, proposing the concept of profanation of Giorgio Agamben, along with the concept of participation of Thomas Aquinas, as explained by Josef Pieper and Jean Lauand. And so we propose an “earthly contemplation”, based on admiration, according to Josef Pieper, Rubem Alves and Adelia Prado.

Keywords: profanation. contemplation. admiration. joy.

Introdução

Nos “autores cristãos dos primeiros séculos”, encontramos a discussão – lei, regra e vida. Neste período destaca-se Tertuliano (AGAMBEN, 2014, p. 56). Este entendia que: “dissolvida a forma velha da lei (mosaica), os apóstolos, pela autoridade do Espírito Santo”, dariam uma “*nova lex*”, que por ser uma nova lei, não podia ter a mesma forma da lei mosaica. Mas como *regula*, ou seja, regra, aproximava-se de preceitos que iriam guiar e orientar a vida (AGAMBEN, 2014, p. 59). Giorgio Agamben menciona que a “regra é produzida [...] a partir do direito existente”. Tertuliano “está entre os primeiros a servir-se” deste formato (AGAMBEN, 2014, p. 80 - 81) para elaborar seus preceitos de santidade.

A questão das regras “não se trata simplesmente da construção retórica de uma oralidade fictícia”, mas “a regra no ato de constituir-se como texto”, passa a “adquirir autoridade, passando da regra-forma de vida para a regra-texto, [...] em busca de um ideal da perfeita vida” (AGAMBEN, 2014, p. 89). Neste momento, o texto se torna “autoridade”, passa a ser “escritura”, ou seja, “Deus diz”. Entenda-se “escritura [...] evidentemente o texto da regra” (AGAMBEN, 2014, p. 90). “Deus diz”:

Não irás ao circo, nem ao teatro, nem às competições, não irás a jogos
[...] Feliz o homem que não foi para a assembleia dos ímpios nem foi

¹ Bacharel em Administração de Empresas – UNIB; Licenciado em Educação – FPSJ; Especialista em Estudos Teológicos – UNASP; Mestre em Ciências da Religião – UMESP; Doutor em Ciências da Religião – UMESP.

visto no caminho dos pecadores, nem se sentou na cátedra dos grandes trastes” [...] Aquelas [mulheres] que “pintam o cabelo com açafão [...] pressagiam com a sua cabeça a cor do fogo do inferno (*Apud TERTULIANO, LAUAND, 2009, p. 16-15*).

Em meados do século XIX, alguns grupos religiosos americanos repetiram a fórmula “tertuliana” de moralismo, advertindo os cristãos. “Deus diz”:

Os que estão aguardando e esperando o aparecimento de Cristo nas nuvens do Céu não se misturarão com o mundo em sociedades e reuniões de divertimento, meramente para seu próprio deleite [...] Entre as casas de diversões, a mais perigosa é o teatro. Em lugar de ser uma escola de moralidade e virtude, como costuma ser chamada, é ele justamente o viveiro da imoralidade [...] Os únicos entretenimentos seguros são aqueles que não afugentam os pensamentos sérios e religiosos (*WHITE, 2008, p. 74-77*).

João Sérgio Lauand em seu estudo *Temas e Figuras do Pensamento Medieval*, escreve que Tertuliano de Catargo (160-220 d.C), foi quem assumiu para o Cristianismo, o maniqueísmo de Mane (215-275 d.C), persa, que estabeleceu a dicotomia matéria x Espírito. Não demorou muito para que o conceito de bem e mal, nós e eles, se transformasse na semente dos fanatismos religiosos, que adotaram o maniqueísmo de Mane, e o moralismo de Tertuliano. Hoje, muitas igrejas ainda vivem assombradas com ideias e pensamentos como estes (*LAUAND, 2009, p. 12-14*). Em pleno século XXI estas mesmas restrições moralistas são impostas sobre as pessoas que humildemente desejam viver o cristianismo, e continuam advertindo:

O único caminho seguro é abster-nos de ir ao teatro, ao circo e a qualquer outro lugar de diversão duvidosa [...] A dança e os ambientes sociais como boates e outras casas noturnas são contrários ao princípio da pureza cristã, uma vez que excitam as paixões humanas, a luxúria e sedução. A dança é ainda comumente acompanhada do estímulo ao uso de bebidas alcoólicas, de drogas, da prática de violência e comportamento desenfreado. Sua promoção e prática não se harmonizam com os princípios cristãos adventistas, nem mesmo em um contexto particular, residencial, ou em atividades espirituais e sociais realizadas pela igreja (*SIQUEIRA, 2012*).

Nos três relatos, o que percebemos é uma vontade intensa de controle institucional sobre as pessoas que se colocam em posição servil de obediência, e que não ousam criticar tais posicionamentos. Selvino Assman escreveu no prefácio da tradução para o português de *Profanações* de Giorgio Agamben: “É com a profanação que se pode resistir a tudo isso, e que se pode tentar uma nova política, um novo ser humano, uma nova comunidade” (*AGAMBEN, 2007, p. 8*). Meu intuito neste ensaio é encontrar uma forma de romper com o poder institucional, buscando no conceito de *Profanação* de Agamben um trampolim para uma espiritualidade independente das instituições, “como a tentativa de realizar uma vida e uma prática humanas absolutamente fora das determinações do direito” (*AGAMBEN, 2014, p. 116*), ou seja, uma regra de vida fora das determinações eclesiais (que mais se parecem com normas jurídicas). Rubem Alves diz que “para a moralidade protestante a lei civil é o limite da graça” (*ALVES, 2005, p. 211*).

Será importante para nossa análise usarmos Agamben, polêmico filósofo da atualidade (AGAMBEN, 2007, p. 95), que se dedica a “profanar o sagrado, ou melhor”, a “devolver à comunidade humana aquilo que historicamente foi subtraído ao uso comum através da sacralização” (AGAMBEN, 2007, p. 10). Seguindo este ensaio, visitarei o conceito de participação de Tomás de Aquino, explorados pelos autores Josef Pieper e Jean Lauand, ambos intérpretes de Aquino. Explorarei conjuntamente o conceito de *Admiração* de Josef Pieper, buscando os abalos admirativos que nos espantam. Na teologia de Rubem Alves e na poesia de Adélia Prado, buscarei uma tradução desse abalo admirativo em uma mística². Minha hipótese é que a mística advinda da contemplação devolve a alegria, o divertimento, a beleza e o riso, que foram sacrificados e consagrados no altar da santidade.

1 – Profanação: uma nova dimensão.

A pergunta neste ponto do ensaio é: O que é profanar? O que profanar e como profanar? Profanar, de acordo com Selvino Assman, é um “conceito originalmente romano, significa Templo onde algo foi posto ou retirado inicialmente do uso e da propriedade dos seres humanos”. Por isso, “a profanação pressupõe a existência de sagrado (*sacer*), [e seu ato] de retirar do uso comum”. Por sua vez, “Profanar significa assim [o ato] de tocar no consagrado, para libertá-lo (e libertar-se) do sagrado” (AGAMBEN, 2007, p. 10).

Segundo Agamben, profanar é “na verdade, a possibilidade de uma ação humana”, ou seja, “trata-se do que os franciscanos tinham em mente³, quando em sua luta contra a hierarquia eclesial, reivindicavam a possibilidade [do] uso das coisas”, ou melhor, “do livre uso do mundo” (AGAMBEN, 2007, p. 11). Agamben nos impulsiona à profanação, ao mesmo tempo declara “que só existe uma possibilidade de ser feliz: a de crer no divino”. Aqui “o divino, o humano, o natural, geralmente tão separados, parecem aqui colapsar-se” (AGAMBEN, 2007, p. 12). O exercício que este ensaio propõe, é uma profanação, acabando com toda separação. É a mistura do humano com o divino, em uma convivência profana, ou seja, mundana, divina e humana.

De acordo com Agamben, “consagrar (*sacrare*) era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, [e] profanar, por sua vez significava restituí-las ao livre uso dos homens. Profano [...] em sentido próprio denomina-se aquilo que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos homens” (AGAMBEN, 2007, p. 65). Vejamos, a religião como instituição, através da consagração, “subtrai coisas, lugares, animais, ou pessoas [do] uso comum, e as transfere para uma esfera separada” (AGAMBEN, 2007, p. 65-66).

Podemos dizer que a especialidade da religião é sacralizar a alegria, o divertimento, a beleza, o sorriso. Elas são delicadamente e sutilmente depositadas no altar do “Templo”, são consagradas e retiradas do convívio humano. Podemos dizer

² Utilizarei mística no sentido do grego “*mistikós*” (etimologicamente tem raiz na palavra mistério) = conhecimento direto e experimental de Deus em seus mistérios. Pode designar realidades ocultas, secretas, misteriosas; Celebração dos mistérios que operam a transformação de uma pessoa. Usava-se esta palavra para designar uma leitura e busca do sentido *mistikós* da Escritura, reconhecendo que o texto sagrado tem sempre um sentido simbólico, que revela uma realidade escondida. Entende-se também por *mistikós* os segredos da graça. O essencial da mística é a amorosa e misteriosa comunhão e comunicação com Deus; para aquele que a experimenta, gera um conhecimento mais íntimo e profundo de Deus; moção do Espírito Santo. Alguns *Mistikós*: Agostinho; Catarina de Sena; Francisco de Assis; João da Cruz; Tereza de Ávila; Tomás de Aquino (*Fonte: Ordem dos Carmelitas Descalços – Província de São José*).

³ Para um aprofundamento na vida monástica dos franciscanos e sua luta contra o poder eclesial ver: *Altíssima Pobreza: Regras monásticas de vida*, do Giorgio Agamben de 2014.

como Agamben, que “não há religião sem separação”. E um exemplo de artifício de separação “é o sacrifício”, onde existe claramente a “passagem de algo profano para o sagrado”. É a transferência, ou ainda nas palavras de Agamben, é “o corte que separa as duas esferas”. No ritual do sacrifício, podemos presenciar “a passagem da vítima da esfera humana para a divina” (AGAMBEN, 2007, p. 65-66).

Devemos identificar, que no sacrifício “as entranhas, [...] o fígado, o coração, a vesícula biliar, os pulmões, está reservada aos deuses” (AGAMBEN, 2007, p. 66). No texto bíblico de Levítico 3.13-17, temos acerca do sacrifício das ofertas pacíficas:

Se a sua oferta for uma cabra, perante o Senhor oferecerá. Porá a mão sobre a sua cabeça e a degolará [...] Espargirão o seu sangue sobre o altar [...] Depois trará dela a sua oferta, por oferta queimada ao Senhor, a gordura que cobre a fressura⁴, sim, toda gordura que está sobre ela, os dois rins e a gordura que está sobre eles, e a que está junto aos lombos, e o redenho⁵ que está sobre o fígado, juntamente com os rins ele os tirará. O sacerdote queimará isso sobre o altar; é [...] oferta queimada, de cheiro suave. Toda gordura será do Senhor.

Ou seja, todas as vísceras, redenho e gorduras eram queimadas para o Senhor. Mas como bem lembra Agamben, “basta que os participantes do rito toquem essas carnes para que se tornem profanas e possam ser simplesmente comidas. Há um contágio profano, um tocar que desencanta e devolve ao uso aquilo que o sagrado havia separado e petrificado” (AGAMBEN, 2007, p. 66). Como mostra o texto de Levítico 7.30-32.

Com suas próprias mãos trará as ofertas [...] O peito com sua gordura trará [...] O sacerdote queimará a gordura sobre o altar, porém o peito será de Arão e seus filhos. Também a coxa direita.

Portanto “profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular” (AGAMBEN, 2007, p. 66). De acordo com Agamben, “a passagem do sagrado ao profano pode acontecer também por meio de um uso (ou melhor, de um reuso) totalmente incongruente do sagrado”. Uma destas formas de profanação é o jogo. “A maioria dos jogos que conhecemos deriva de antigas cerimônias sacras, de rituais e de práticas divinatórias que outrora pertenciam à esfera religiosa” (AGAMBEN, 2007, p. 66).

Brincar de roda era originalmente um rito matrimonial, jogar bola reproduz a luta dos deuses pela posse do sol, os jogos de azar derivam de práticas oraculares; o pião e o jogo de xadrez eram instrumentos de adivinhação (AGAMBEN, 2007, p. 66-67).

Por sua vez a profanação deste rito ocorre quando jogo, rito e mito se desvinculam. Quando uma criança pega um destes itens como um pião, e simplesmente o lança no chão sem nenhum propósito religioso, ela profana o jogo, ao mesmo tempo que este se transforma em diversão para a humanidade. Para Agamben, no contexto da criança que brinca, “o jogo libera e desvia a humanidade da esfera do sagrado”. Mas não só no âmbito do sagrado pode acontecer estas situações, mas

⁴ Conjunto das vísceras, entranhas, intestino, pulmão, fígado, e outras partes internas.

⁵ Gordura que forra internamente o abdômen do animal, envolvendo os rins e intestinos.

também na economia, no direito, na guerra, basta que um dos itens utilizados nestas áreas da vida, se transformem em brinquedo de criança. “É uma nova dimensão do uso” (AGAMBEN, 2007, p. 67). Sendo assim,

Sagrado e profano representam, pois, na máquina do sacrifício, um sistema de dois polos, no qual um significante flutuante transita de um âmbito para outro sem deixar de se referir ao mesmo objeto. Mas é precisamente desse modo que a máquina pode assegurar a partilha do uso entre os humanos e os divinos e pode devolver eventualmente aos homens o que havia sido consagrado aos deuses. Daí nasce a promiscuidade entre as duas operações no sacrifício [...], no qual uma parte da própria vítima consagrada acaba profanada por contágio e consumida pelos homens, enquanto outra é entregue aos deuses (AGAMBEN, 2007, p. 69).

Obviamente seguindo o mesmo princípio do jogo e do sacrifício, podemos tomar como exemplo o folclore, que segundo Agamben é “uma inversão audaz”, onde “o amor cortês, a partir da esfera prestigiosa do sagrado é reconduzida bruscamente para a profanada estrumeira”. Ou seja, é o desejo de “confundir e tornar duravelmente indiscernível o umbral que separa o sagrado e o profano, o amor e a sexualidade, o sublime e o íntimo” (AGAMBEN, 2007, p. 42). Portanto “profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, [...] brincar com elas” (AGAMBEN, 2007, p. 75).

Sendo assim, o ato de profanar não está vinculado única e exclusivamente a sacrifícios, ou jogos, mas ele pode ser visto e praticado até mesmo na literatura. Portanto não é o ato em si, mas a atitude diante das coisas, que devolvem aos seres humanos o que eles perderam. É a atitude de, diante de uma religião que se tornou vazia e destituída de alegria, podermos tocar novamente com as nossas mãos para, como uma criança ou um poeta, restaurarmos a alegria que foi “consagrada” no altar da santidade. Desta feita, o que estamos buscando é “a passagem de uma *religio*⁶ que já é percebida como falsa ou opressora, para a negligência como *vera religio*”. Esta atitude diante da vida não “significa descuido”, mas sim “uma nova dimensão do uso que crianças e filósofos conferem à humanidade” (AGAMBEN, 2007, p. 67).

O que estamos buscando como diz Agamben é “a negligência” da religião, ou seja, “uma atitude livre e distraída [...] desvinculada da *religio* das normas – diante das coisas e de seu uso, diante das formas da separação e do seu significado”, mais uma vez, o que encontramos é a abertura de uma nova “possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação”, e faz dela seu “uso particular” (AGAMBEN, 2007, p. 66). Giorgio Agamben amplia esta ideia em *Altíssima Pobreza*, quando ele diz que “*Religio* é o nome dado pelos teólogos a [...] norma e vida [...] que configura uma espécie de dever jurídico”. Portanto entende-se por “norma [os] verdadeiros esquemas de comportamento” (AGAMBEN, 2014, p. 72).

Como escreve Rubem Alves, “o demônio é grave, sério, não brinca, não dança” (ALVES, 2011, p. 109 e 114), e Deus pelo contrário é um “brincador” (LAUAND, 2014). Alves diz que na “sala de visitas da teologia”, discute-se apenas coisas respeitáveis e quando uma criança entra tropeçando, o pai a fulmina, com um

⁶ O termo *religio* não deriva de *religare* (ligação: humano – divino), deriva sim de *relegere*, que indica a atitude de escrúpulo e de atenção que deve caracterizar as relações com os deuses, a inquieta hesitação perante as formas e fórmulas que se deve observar a fim de respeitar a separação entre sagrado e profano. *Religio* não é o que une os homens aos deuses, mas é o que cuida para que se mantenham distintos (AGAMBEN, 2007, p. 66).

olhar gelado (ALVES, 2012, p. 41). Mas nós, não podemos esquecer que “Deus é o dono da loja de brinquedos”, e foi Adão que cansou de brincar e quis levar a vida a sério. Resultado: “Ficou triste”. Eu não acredito num Deus que fulmina com seu olhar gelado, mas acredito num Deus que dança, brinca e sorri (ALVES, 2011, p. 114).

2 – Ferramentas de profanação.

O conceito adotado para buscar uma profanação da religião das normas, será o de participação de Tomás de Aquino. Um *metékhein*, é “ter-com”, um Ter em oposição ao Ser, é um Ter pela dependência, um Ter por outro que É. Este conceito foi amplamente utilizado por Tomás de Aquino. Ele entende que a criatura tem o ser, por participar do Ser - Criador (LAUAND, 2013, p. 14).

Isto muda completamente nossa compreensão sobre o mundo, mas principalmente nossa compreensão sobre o “outro”. Neste conceito, qualquer pessoa, tem o ser de Deus, por *participatio* na criação e salvação. “O Salvador do mundo vem para Se tornar participante da nossa natureza humana” (FRANCISCO, 2015). Sendo assim, em uma comparação diríamos que o gelado é participio, *participatio*, do gelo em contato com uma garrafa por exemplo (LAUAND, 2013, p. 17-18). Ou seja, você não diz que o gelo está gelado, porque ele já é o próprio gelo (LAUAND, 2016). Guimarães Rosa no livro Noites do Sertão, elucida esta ideia da essência de algo, quando diz que “o sol não é os raios dele, é o fogo da bola” (ROSA, 1988, p. 184). Portanto a cerveja não é o gelo, mas está gelada por participar do gelo. Bem, se participamos da essência divina, e se todas as coisas criadas participam da essência divina, ou seja, possuem o Ser de Deus, então ao entrar em contato com as coisas deste mundo, e com as pessoas deste mundo, pergunto: Participaremos direta e indiretamente da divindade? Profanaremos o sagrado? Proponho que sim.

Segundo Giorgio Agamben, “tudo se fez regra e ofício, de modo que a vida parece desaparecer”, de modo que não se consegue mais discernir o que é regra, o que é lei, o que é vida. Para Agamben, “preceitos legais” se transformaram em “preceitos vitais”. Uma inversão tão brutal, onde a “vida se transforma integralmente em lei” (AGAMBEN, 2014, p. 101). Em outras palavras, após anos e anos de formulação de leis e regras religiosas, a própria vida, simples e comum se perdeu, onde a lei e a norma se tornaram o princípio vital, em detrimento da alegria, da diversão e da felicidade. Urge a necessidade de uma profanação. Como? Contemplando a essência divina em todo o tempo. Ou melhor, participando desta essência, interagindo, criando e recriando a partir desta essência. É uma profanação, por tocar, e modificar, criar, a partir da mistura com o divino. Quem contempla, participa das coisas. Quem contempla, não consegue deixar de interagir com o objeto de sua contemplação. É aqui que buscamos uma forma de “profanar o improfanável”, não como um capricho, mas como um “dever” (AGAMBEN, 2007, p. 19).

Contemplando, podemos tocar a alegria, a beleza, presente em todas as coisas do cotidiano. Significa observarmos, nos admirarmos, nos espantarmos com a essência divina em todas as coisas deste mundo. Por quê? Porque Deus é doador do ato de ser, ato de ser-essência, e é porque Deus doou o ato de ser, que as coisas são. Sendo assim, a criatura tem o ser, porque Deus é o Ser. E porque o ente tem o ser, ele não pode andar neste mundo sem se maravilhar com as coisas que são (LAUAND, 2016).

Portanto é converter a contemplação, em uma ferramenta de profanação do sagrado. É tocar através do olhar a beleza divina, que está presente nas coisas, na natureza, na arte e nas pessoas. Uma vez que tudo “reflete a bondade, verdade e beleza de Deus” (LAUAND, 2013, p. 15). Precisamos aprender a aproveitar a simples contemplação das coisas que são. Contemplação que no grego “*theorein, theoría*”,

significa “visão, simples visão – é um ver com olhar de amor, um ver que se entrega concentradamente ao objeto, como diz o filósofo Von Hildebrand: ausência de tensão de futuro” (LAUAND, 2016, p. 6). Como tolos passamos pela vida sem este olhar, “pensamos que a alegria está no final do caminho, e caminhamos distraídos” (ALVES, 2011, p. 13). Não prestamos a devida atenção. Segundo João Guimarães Rosa, o real da vida não está nem na partida, nem na chegada, mas “se dispõe para a gente no meio da travessia” (ROSA, 2006, p. 64). É um convite a profanar (contemplar – tocar com o olhar) todos os momentos da vida.

Aqui vale um parêntese: segundo Rui Josgrilberg o elemento *theorein* - simples visão, que estamos procurando resgatar com Tomás de Aquino, “é da mesma raiz da palavra grega *theatron*, que significa lugar para olhar” (JOSGRILBERG, 2016). Desta forma, podemos por analogia, perceber que desejos “tertulianos” de separar religiosos do teatro – *theatron*, está ligado ao desejo implícito de consagrar o simples prazer da contemplação – *theorein* (uma vez que ambas as palavras possuem etimologicamente uma raiz comum), *theatrum* (latim) – teatro (ORIGEM DA PALAVRA, 2016). Logo, sem contemplação, não se tem *stupore*⁷ – Espanto admirativo – sem contemplação, não se tem profanação.

Sendo assim existe a possibilidade de encontrarmos na contemplação a chave para a profanação. Adotando o *a priori* que as pessoas podem em sua maioria, ter perdido a capacidade de visão, ou melhor, a capacidade de contemplação. Podemos compreender o mundo, já não mais como um lugar onde as pessoas contemplam e “participam” dele, mas são apenas espectadores dele. Os homens e mulheres deste planeta, não podem mais criar e interagir a partir das coisas existentes neste mundo, podem apenas olhar, fotografar e comprar, mas não mais reinventar o mundo. Para Agamben, é “a própria impossibilidade de usar”, uma vez que os homens não decidem mais livremente nem onde habitar, se experimenta o mundo apenas através de “espetáculos televisivos” (AGAMBEN, 2007, p. 101).

A impossibilidade de usar tem o seu lugar tópico no Museu. A museificação do mundo é atualmente um dado de fato [...] Museu não designa, nesse caso, um lugar ou um espaço físico determinado, mas a dimensão separada para a qual se transfere o que há um tempo era percebido como verdadeiro e decisivo, e agora já não o é [...] De forma mais geral, tudo hoje pode tornar-se Museu, na medida em que esse termo indica simplesmente a exposição de uma impossibilidade de usar, de habitar, de fazer experiência (AGAMBEN, 2007, p. 100).

Acredito que tenhamos perdido a capacidade de contemplar uma realidade por muitas horas e de produzirmos algo a partir daquilo. O pintor Claude Monet passou 34 anos de sua vida pintando os Lírios D’água de seu jardim na França. Uma grande parte destas pinturas, principalmente os grandes painéis pintados de 1892 até 1918, estão em Paris no L’Orangerie (WALDRON, 2009, p. 90-99). Segundo Rubem Alves, Monet também tinha o costume de ficar desde a manhã, até o anoitecer, pintando vários quadros do mesmo monte de feno. Por que pintar tantos quadros do mesmo monte de feno? Bom, para as vacas famintas, o feno era o mesmo, mas para o pintor, cada mudança da luz era uma visão diferente do mesmo monte. Alves faz uma declaração assustadora: “o mundo está cheio de vacas”. Devemos como diz Alves, ver “as mesmas coisas com outra luz” (ALVES, 2013, p. 44-47). Como diz Josef Pieper, a

⁷ Significa: grande surpresa – espanto – assombro – admiração; Na tradução para o português que está disponível na página oficial: Rádio do Vaticano, o texto utilizou a palavra surpresa e estupor, mas no original italiano, a palavra utilizada é *stupore*.

riqueza da vida, da filosofia, “não está na satisfação das necessidades e desejos, nem no domínio da natureza, mas está no simples ato de ver” (PIEPER, 2007, p. 21). Não é necessário “distanciar-se das coisas do dia a dia” para ver o que ninguém mais está vendo, mas “olhar para estas mesmas coisas com um olhar interpretativo, diferente do sempre utilizado”, ou ainda, “o utilizado por todos”. Ou seja, é fazer um julgamento distante das valorações corriqueiras (PIEPER, 2007, p. 40-41).

Esta incapacidade, esta “perda irrevogável de todo uso”, gera a incapacidade de interagir e participar das coisas deste mundo, transformando a maioria das pessoas em meros espectadores, ou melhor, em “vacas”. Como diz Agamben, é “a absoluta impossibilidade de profanar” (AGAMBEN, 2007, p. 101). Ou melhor, a impossibilidade de “apreciar” – de “contemplar” – como Monet (WALDRON, 2009, p. 90-99; ALVES, 2013, p. 44-47). Nesta contemplação, existe um “tipo de prazer que nos faz apreciar algo sem preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto” (LAUAND, 2016, p. 7). É o prazer de apreciar, é o mistério do “amor apreciativo”, que nos leva “a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada [...] Alguém que contempla uma bela paisagem ou é surpreendido por um encantador aroma de flores” (LAUAND, 2016, p. 7). O perfume de uma rosa é um mistério, a beleza de uma pintura pode abalar-nos.

O que é proposto neste ensaio não é um olhar de alienação, longe disto, é um olhar poético-religioso para esta vida, que nos conduza ao *stupore* com o cotidiano ao nosso redor. Que nos leve a “ver” o Céu que se encontra aqui mesmo, na música, no morro, no samba, na rosa. Como diz Jean Lauand, “não que esses abalos nos levem do cotidiano para outro mundo; não! O que eles fazem é dar-nos um novo olhar – o de espanto e admiração [...] sobre a mesma velha realidade [...] Tal como no abalo filosófico (ou artístico) sentimo-nos arrancados de uma porção de coisas, permanecendo no mesmo lugar” (LAUAND, 2009, p. 37). O ser que contempla, participa.

David H. Nikkel⁸, no seu artigo *The Mystical Formation of Paul Tillich*, relembra que Paul Tillich⁹, após ter atuado como capelão na Primeira Guerra Mundial, se tornou uma pessoa “doente da alma”. Começou a estudar revistas, livros e artigos sobre artes clássicas, em busca de algum senso de esperança e beleza. Nesta trajetória, ele se deparou com a obra do pintor italiano Sandro Botticelli (1445-1510). Depois de apreciar sua obra nos periódicos de arte, decidiu ir ao *Kaiser Friedrich Museum* em Berlim. Foi então que ele se deparou com *Madona with singing Angels*, e disse: *I turned away shaken*. Tillich foi arrancado do chão, chacoalhado. Em uma entrevista a uma revista em 1955, ele afirmou que aquele momento de êxtase nunca mais se repetiu, e que aquela experiência lhe trouxe alegria vital (NIKKEL, 2006). Paul Tillich concluiu:

Aquele momento afetou toda minha vida, deu-me as chaves para a interpretação da existência humana, trouxe vitalidade e verdade espiritual. Eu o comparo com o que é usualmente chamado de revelação na linguagem religiosa (*Apud*, CALVANI, 2005, p. 55).

⁸ Bacharel em Arte, Mestre em Divinity e PhD em Estudos Religiosos.

⁹ Paul Johannes Oskar Tillich (1886 - 1965) foi um teólogo alemão, filósofo da religião, capelão do exército na 1ª. Guerra Mundial, um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX. Tendo perdido sua cátedra por causa de suas posições anti-nazistas, Tillich emigrou para os Estados Unidos em 1933, foi professor de Teologia Filosófica no Union Theological Seminary, Columbia University, Harvard e Universidade de Chicago. Recebeu o prêmio da paz dos editores alemães em 1962.

São estas chaves da contemplação, que devolvem a vida que se dissolveu em meio ao formalismo e as normas. É a chave para se misturar com tudo ao nosso redor, inclusive com o divino. Estas são chaves de profanação. Sendo assim, experiências de beleza, uma vez que *participatio* da mente divina, pode acontecer com qualquer coisa ao nosso redor, e nos deixar suspensos, abalados e admirados. Pode acontecer com uma música, com uma obra de arte, ou simplesmente pela beleza de uma cena, de uma cidade. Adélia Prado amplia o entendimento quando escreve:

o que pude oferecer sem mácula foi meu choro por beleza [...] Rio de Janeiro que visitei uma vez e me deixou suspensa [...] Rio de Janeiro uma beleza (PRADO, 2014, p. 137 e 9).

O que importa é não deixar de contemplar o maravilhoso ao nosso redor. Na verdade é apreciar o *stupore* presente no cotidiano, na arte, na beleza, na rosa, que nos arranca do chão, que nos suspende. Interessantemente, as coisas que despertam a alegria, são coisas cotidianas, que estão sempre ali, mas que não conseguimos perceber. Exatamente as “ações de cada dia, escondem o que há de mais profundo” (LAUAND, 2013, p. 55). Como diz Rubem Alves, existem coisas que não servem para nada: pôr do sol, moda de viola, um gole de pinga, um bom cafuné, um papo furado; “Por que os amamos? Porque nos dão prazer e alegria” (ALVES, 2011, p. 104). Na verdade “no mais simples, se esconde o maior mistério” (LAUAND, 2013, p. 55).

Como bem elaborou Pieper, “ficar em silêncio, com a face admirável do mundo”. Perceber, no cotidiano e familiar, “o que é verdadeiramente estranho”. É a capacidade de “admirar-se do comum” (PIEPER, 2007, p. 41-42). É proferir como Goethe aos 70 anos de idade: “existo para admirar” (*Apud*, PIEPER, 2007, p. 43). Parafrazeando Josef Pieper, admirar-se é um permitir-se ser abalado pelas coisas, é permitir-se espantar-se pelas coisas ao seu redor – *mirandum* (PIEPER, 2007, p.42-43). Neste momento “o óbvio”, perde “sua obviedade compacta” (PIEPER, 2007, p. 44).

Para Adélia Prado,

Admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se da água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? [...] Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis [...] O cotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro (*Apud* LAUAND, 2012, p. 29-30).

Encantar-se com o cotidiano, espantar-se através da contemplação, e experimentar a mística da presença divina em todas as coisas simples ao nosso redor, e admirar-se com o comum, eis nossa maior profanação. Ver Deus no jardim e ver Deus na cozinha. Pois como já vimos, profanar por sua vez, significa restituí-las ao livre uso dos homens. Profano [...] em sentido próprio denomina-se aquilo que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos homens” (AGAMBEN, 2007, p. 65).

3 – *Genius*: atitude de profanação.

Parafrazeando Rubem Alves e Emily Dickinson, alguns santificam o dia de guarda indo à igreja, eu vou para o meu jardim; uns neste dia escutam longos sermões,

eu escuto o som dos sabiás; uns aguardam ansiosamente o Céu, eu já estou nele (ALVES, 2012, p. 64-65). Tomás de Aquino considerava a Criação como um falar de Deus. Sendo o Verbo (Palavra), as criaturas, como que palavras decorrentes do Verbo Criador. Portanto as coisas “são” porque foram pensadas, proferidas, faladas por Deus – Verbo (LAUAND, 2000, p. 10). Perceber “o ser” das coisas, perceber a essência das coisas, mesmo sem entendê-las completamente, mas podendo chegar nelas, na essência das coisas através da contemplação. Para Jean Lauand, pelo fato das coisas terem primeiramente sido pensadas por Deus é que elas nos são cognoscíveis, ou seja, “conhecíveis” pela inteligência humana, porque as criaturas procedem do *Logos* divino, elas são apreendidas por nós. Ao mesmo tempo, não podemos esgotá-las, porque procedem de uma inteligência superior (LAUAND, 2014).

Esta atitude de profanação será denominada por nós como atitude de *Genius*. De acordo com Giorgio Agamben, “viver com *Genius*¹⁰ significa, nessa perspectiva, viver na intimidade de um ser estranho, manter-se constantemente vinculado com uma zona de não conhecimento”. Portanto, “a intimidade com uma zona de não conhecimento é uma prática mística cotidiana”. Ou seja, “*Genius* é a nossa vida, enquanto não nos pertence” (AGAMBEN, 2007, p. 25-26). Na verdade não compreendemos as coisas mais simples da vida, como o simples amanhã.

Sendo assim, mesmo sem entender completamente as coisas mais simples, podemos desfrutar da beleza, da paixão e da emoção desta vida. Adélia Prado diz: “eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão?” (*Apud*, LAUAND; CASTRO, 2009, p. 35). Mas é este desconhecimento, este mistério, que nos impulsiona. Nas palavras de Agamben,

No limiar da zona de não conhecimento, Eu deve abdicar de suas propriedades, deve comover-se. E a paixão é a corda estendida entre nós e *Genius*, sobre a qual caminha a vida funâmbula¹¹. O que nos maravilha e espanta [...] É essa criança elusiva, esse *puer*¹² obstinado, que nos impele na direção dos outros, nos quais procuramos apenas a emoção (AGAMBEN, 2007, p. 28).

Contudo, Agamben enfatiza que em determinado momento nos separamos de *Genius*, “pode ser de noite, de improviso, quando, ao som da brigada que passa, ouves, não sabes por quê, que teu deus te abandona, ou então somos nós que o despedimos” (AGAMBEN, 2007, p. 31).

É a hora [que] com a força que lhe sobra [...], o artista velho quebra o seu pincel e contempla [...] os gestos: pela primeira vez só nossos, completamente liberto de qualquer encanto [...] Começamos a viver uma vida puramente humana e terrena (AGAMBEN, 2007, p. 31).

Como diz Adélia Prado em um verso genial de seu livro *The Mystical Rose*, “*Once in while God takes poetry away from me. I look at stone, I see a stone*” (PRADO, 2014, p. 58). Para Agamben, “é o tempo exausto e suspenso, a brusca penumbra em que começamos a nos esquecer de *Genius*; é a noite esperada, [...] antes

¹⁰ Latim *Genius* – deus que todo homem é confiado sob tutela no nascimento. Etimologia: *Genio* – Gênio; *Generare* – gerar; *Genialis lectus* – genial: a cama, porque nela se realiza o ato da geração; *Genius* encontra uma correspondência na ideia cristã do anjo da guarda – dois: bom e o mau (AGAMBEN, 2007, p. 22 e 29).

¹¹ Equilibrista que anda ou dança em corda bamba. Sentido figurado para a inconstância da vida.

¹² Expressão latina para a eterna criança (*Puer Aternus*).

que a vagarosa criança volte a experimentar, um a um. Os seus rubores; uma a uma, imperiosamente, as suas hesitações” (AGAMBEN, 2007, p. 31). Como bem elabora Adélia Prado, até quando,

[...] um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa [...] aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 29).

Segundo Agamben, “o que podemos alcançar por nossos méritos e esforço não pode nos tornar realmente felizes. Só a magia pode fazê-lo” (AGAMBEN, 2007, p. 32). É neste caminho que Adélia Prado reforça que “a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa, [pois] a beleza é uma experiência” (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 29). Segundo Rubem Alves, “a beleza é a sombra de Deus no mundo” (ALVES, 2012, p. 107). Portanto *Genius* é o “que nos maravilha e espanta [...] emoção” (AGAMBEN, 2007, p. 28), sem compreensão. Mistério.

Considerações finais

Portanto a profanação que estamos buscando é uma mística baseada nas coisas ao nosso redor, nas coisas do cotidiano, e não numa suposta experiência no mundo por vir. É viver como uma criança que brinca com artigos e artefatos religiosos e se encanta. Ou seja, profanarmos todo o tempo as demarcações que separam divino e humano, sagrado e profano. Experimentar através da admiração causada pela contemplação, a divindade e a santidade das coisas comuns, é a atitude profanatória de adentrarmos na mística e nos misturarmos com os deuses. *Genius* é a “divinização da pessoa” (AGAMBEN, 2007, p. 23), enquanto esta participa do mundo. E porque não, participar também do mundo dos deuses?

Em certo sentido é uma admiração pelo que está aqui, um espanto pelo mundo em que vivemos. Jean Lauand lembra com Heidegger, um episódio que está presente nos “alvores da filosofia”, quando visitantes impressionados com a sabedoria de Heráclito, decidiram visitá-lo para descobrir como este havia se conectado ao conhecimento divino:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram de pé [...], ele os encorajou [...] a entrar, pronunciando as seguintes palavras: Mesmo aqui os deuses também estão presentes (LAUAND, 2012, p. 27).

Lauand explica que, é no ordinário que os deuses estão presentes, no inaparente cotidiano, junto ao forno que aquece o pão e a casa, na cozinha, “aqui mesmo que estão os deuses” (LAUAND, 2012, p. 27). Profanar é a capacidade de tocar, encontrar, e viver a divindade presente nas coisas comuns, é perceber a magia da vida como uma criança (AGAMBEN, 2007, p. 32). É a capacidade de aproveitar a vida cotidiana como *Puer Aternus* – a eterna criança. Adélia Prado sentia certa vez, que o peso desta incapacidade, traz a necessidade e a urgência dessa “*theorein, theoría*” infantil:

Meu Deus, me dá 5 anos [...] Me dá um natal e sua véspera [...] Me dá a negrinha fia para eu brincar [...] Me dá uma noite com minha mãe [...] Me dá a mão [...] Me cura de ser grande, ó meu Deus, meu pai, pai (PRADO, 2014, p. 12).

O anseio expresso por Adélia é um convite a olharmos o mundo com atenção redobrada, a apreciarmos a rica presença do outro e a beleza do momento. É encontrarmos o divino nas coisas mais simples, e não em um ritual religioso, ou numa variedade de regras de comportamento exigidas pelas instituições religiosas.

Uma vez eu estava diante de uma casa com duas copaíbas [...] A cada instante meu pai mencionava as copaíbas, como reportando uma nova: Deus falou com Moisés destas muitas árvores? Bem então. Duas copaíbas, duas horas da tarde, todos fazendo café. Uma voz anunciou: você e seu irmão brinquem aqui perto; não devem ir longe [...] Nem Salomão em toda a sua glória estava tão feliz (PRADO, 2014, p. 126-127).

Referencias Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *Altíssima Pobreza: Regras monásticas de vida*, São Paulo/SP: Boitempo (1ª. Edição da versão iBook), 2014
- AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, São Paulo/SP: Boitempo (1ª. Edição da versão iBook), 2007
- ALVES, Rubem, *Se eu pudesse viver minha vida novamente*, Campinas/SP: Verus Editora, 2012
- _____, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*, São Paulo/SP: Ed. Planeta do Brasil, 2007
- _____, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo/SP: Ed. Loyola/Ed. Teológica, 2005
- _____, Rubem. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*, São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011
- JOSGRILBERG, Rui de Souza. *Teologia e Ética*, Aulas do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, UMESP-SBC, 1º.semestre/2016
- LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G., *Filosofia e Educação: Universidade.*, São Paulo/SP: Factash Editora, 2011
- LAUAND, João Sérgio (org.). *Temas e Figuras do Pensamento Medieval*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP)/FACTASH Editora, 2009
- LAUAND, Jean, *Teologia e Ética: Estudos Tomasianos*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP) / FACTASH Editora, 2013

_____, Jean, *Transformações da linguagem: a gíria “curtir” e as conjunções adversativas – dois estudos*, Notandum 40 jan-abr 2016/CEMOrOC – Feusp/IJI- Univ. do Porto

LAUAND, Jean, *Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração*, International Studies on Law and Education 10 jan-abr 2012, CEMOrOc - Feusp/IJI- Univ. do Porto

PRADO, Adélia. *Bagagem*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Record, 2014

PRADO, Adélia. *The Mystical Rose: Selected Poems (Translated by Ellen Doré Watson)*, USA: Bloodaxe Books, 2014

PIEPER, Josef. *Que é filosofar?* São Paulo/SP: Ed. Loyola, 2007

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Nova Fronteira, 2006

ROSA, João Guimarães. *Noites do Sertão*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Record, 1988

WALDRON, Ann. *Who Was Claude Monet?* New York/NY (USA): Grosset&Dunlap, 2009

WHITE, Ellen G., *Eventos finais*. Tatuí/SP: CPB, 2008

Referências digitais

LAUAND, Jean. In: Series - Eclipse de Deus. *Logos Ludens, o Deus que cria brincando* de 05/11/2014 - <https://www.youtube.com/watch?v=7-i1T1fJsUU> - acessado em 22/09/2015 – palestra de 2014

DE FRANCO, Gui. In: Vídeo Aula de Filosofia do Curso Poliedro - <https://www.youtube.com/watch?v=OWRb5AEGHgs> - acessado em 27/09/2015

CALVANI, Carlos Eduardo B., *Momentos de beleza – Teologia e MPB a partir de Tillich* – In: Revista Eletrônica Correlatio número 8 de outubro de 2005 - <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/.../1733> - acessado em 05/06/2016

FRANCISCO, Papa. In: Missa da Noite de Natal (texto homilia) em 24/12/2015 - http://pt.radiovaticana.va/news/2015/12/24/papa_celebra_missa_da_noite_de_natal_-_texto_da_homilia/1196774 - acessado em 14/04/2016

FRANCISCO, Papa. In: Mensagem de Natal do Papa em 2015: Ver a surpresa do Natal no outro, na história, na igreja - <http://pt.radiovaticana.va/news/2015/12/20/papa> -

ver a surpresa natal no outro, hist%B3ria, igreja/1195780 - acessado em 14/04/2016 - In: texto original em italiano - <http://www.toscanaoggi.it/Vita-Chiesa/Papa-Francesco-Angelus-storia-non-e-regolata-da-economia-finanza-o-affari-.Dio-scombina-le-carte> - acessado em 14/04/2016

LAUAND, Jean. *Deus Ludens – O lúdico no pensamento de Tomás de Aquino e na pedagogia Medieval* – Defesa de Livre docência da Faculdade de Educação da USP, em dezembro/2000 - <http://hottopos.com/notand7/jeanludus.htm> - acessado em 20/10/2015

NIKKEL, David H., *The Mystical Formation of Paul Tillich* – 12/05/2006 - <http://www.metanexus.net/essay/mystical-formation-paul-tillich> - acessado em 05/06/2016

ORIGEM DA PALAVRA, In: Etimologia. <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/teatro/> - acessado em 16/06/2016

SIQUEIRA, Reinaldo (org.). *Estilo de Vida e Conduta Cristã da Igreja Adventista do 7º. Dia* – 2012 - <http://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/estilo-vida-conduta-crista/> - acessado em 27/09/2016

Recebido para publicação em 12-04-19; aceito em 15-05-19